

Quando eu desembarquei do ônibus, eu era muito parecido contigo. Eu tinha umas calças quase iguais às tuas, e os meus sapatos, pode acreditar, eram dessa mesma cor. A diferença é que eu não tinha nenhum primo me esperando na rodoviária.

A verdade é que eu tava me cagando de medo. Sabe como é, a gente sempre estranha um lugar diferente, mesmo que o pessoal já tenha dito que é mais ou menos como nas novelas. Eu aprendi que nem sempre é assim.

Mas tu pode ficar tranquilo, que o papai aqui vai te dar todas as dicas e vai ser a maior moleza. Dá uma olhada nesse quarto. Não tá legal? Quando eu cheguei aqui ele não tinha esses posters na parede. Acho que tu não conhece esses caras.

E eu também não conhecia. Quando eu cheguei aqui, não conhecia bosta nenhuma. Eu não sabia nem como é que se chegava na casa do padrinho. Foi uma mão chegar lá. Mal eu tinha pego as malas do ônibus, eu tentei perguntar como é que se chegava no tal endereço, que eu tinha escrito num papelzinho. Tu acredita que nenhum filha-da-mãe se dignou a responder? Tava todo mundo apressado.

Acabei pegando um táxi. Dei o endereço pro motorista e ele me deixou na frente do edifício do padrinho. Eu olhei prá cima e achei enorme (deve ter uns oito andares). Eu era um baita grosso.

Eu sabia que era no sexto andar, apartamento 602. Fui até a porta e tentei abrir. Tava fechada. Olhei no lado e vi o porteiro eletrônico. Tu sabe o que é? Eu não sabia. Pensei um pouco, olhando aquela enfiada de botões. Tentei me lembrar de algum capítulo de novela que tivesse aquele bagulho, mas não me lembrei. Descobri que, debaixo de cada botão, tinha um número. Só podia ser o número dos apartamentos. Eu apertei a campainha do 602 e fiquei esperando.

Levei um baita susto quando uma voz perguntou quem era. Mas eu logo percebi de onde vinha o som e respondi que era o afilhado do seu Nestor. A voz disse "Tá legal", e mais nada. Logo depois, uma sineta tocou. Parecia vir da porta. A voz disse: "Deu?". Mas eu não sabia o que que tinha que ter dado. Perguntei o que. E a voz disse: "Abriu ou não abriu?" Percebi que era a porta. Respondi que não, que a

porta não tava aberta. A voz disse: "Vou tentar de novo". A sirene tocou outra vez, mas a porta não abriu. Eu disse que não tinha aberto. A voz ficou irritada. Falou que "a droga tinha enguiçado de novo" e que ele ia descer para abrir.

Aí o Cláudio apareceu. É o filho do seu Nestor, tu vai conhecer ele amanhã. Ele abriu a porta e ficou me olhando, principalmente as roupas ( eu já te disse que eram parecidas com as tuas ? ). Disse que era filho do seu Nestor e me levou até o apartamento. Foi a primeira vez que andei de elevador. Já andasse ? Dá medo, na primeira vez.

Fui muito bem recebido. O seu Nestor e a dona Eugênia são boa gente. Disseram que eu ia jantar com eles. Perguntaram se eu não queria tomar banho. Eu disse que queria.

Tu tem que ver o banheiro. Era todo branco. Como eu não sabia mexer naquelas torneiras, acabei tomando banho frio. Coloquei umas roupas limpas, ainda piores do que as que eu tava usando, e fui jantar. O Cláudio de vez em quando olhava prá mim e ria.

O jantar foi terrível. Eu não sabia nem segurar direito os talheres. Não te preocupa que eu te ensino. É fácil. Só me perguntavam coisas quando eu tava com a boca cheia. O padrinho, na sobremesa, disse que tinha me arranjado um emprego e um quartinho numa pensão.

Logo depois do jantar, o Cláudio me trouxe prá cá. Nós não conversávamos muito naquela época. Ele me apresentou a dona da pensão e foi embora. É aquela mulher que tu visse quando a gente entrou. O nome dela é dona Rita. A dona Rita me mostrou o quarto e disse que aquele mês o padrinho já tinha pago. Eu tava tri cansado. Quando ela saiu, me atirei na cama vestido mesmo e dormi.

.....

O meu emprego é mais ou menos. Eu tenho que caminhar um pouco, mas até que isso é bom. Agora já sei o nome de todas as ruas do centro e dificilmente me perco. Conheci um monte de novas pessoas, algumas boas. O brabo é que a gente tá sempre correndo, não pára nunca. O escritório deve ter uns vinte funcionários e todos, é claro, são mais importantes que eu. Eu banco o corinho prá muita gente. É mais ou menos como ser piá numa estância. A diferença é que a gente tem chance de progredir. O seu Jorge - é o meu chefe - me disse outro dia que eu vou co-

meçar a fazer serviços mais importantes. Tu não quer ir abrindo a mala ? O negócio é que a gente tem que ter muito cuidado com essas transas de dinheiro. Mas o que que eu tô vendo? Tu trouxesse bombacha? Essa não. Nem pensa em usar esse negócio. Tu tens que comprar umas roupas. Amanhã a gente trata disso.

Bem, como eu ia falando, tem o escritório. Tem o seu Jorge, o seu Apolinário, o seu Adão e mais um monte de outros caras. E tem também a Biroca. É uma datilógrafa, deve ter uns dezenove anos. Logo que eu comecei a trabalhar, ela foi a única pessoa que me deu força. Foi duro no começo. Eu não sabia onde ficavam os bancos, onde ir e com quem falar. Além de tudo, eu tinha medo. Até prá falar com um porra de um caixa de banco eu tinha medo. Isso se chama insegurança, foi a Biroca que me disse. A Biroca é que foi me explicando as transas dessa cidade. Ela sempre me consolava quando eu dava uma furada qualquer. Uma vez, perdi um talão de pagamentos do seu Jorge. Fiquei quase maluco, não sabia como contar prá ele. Aí eu contei prá Biroca. E ela foi falar com o seu Jorge - ela tem um jeito muito especial prá falar com o seu Jorge - e ele entendeu tudo, não deu bronca nenhuma.

O meu maior galho nessa época, além do basquete, era o rango. A comida da dona Rita é de lascar. Comecei a comer muito nesses treilers. Tu já comesse num ? No começo, é muito bom, mas a gente acaba enchendo o saco. E daí que a Biroca começou a me dar uns toques sobre uns lugares bons prá comer, e que não eram muito caros. Um dia, eu até fui junto com ela. Olha, tu é meu primo e eu vou abrir o jogo contigo. Eu gostava da Biroca. Ela é muito bonita e sabia um monte de troços interessantes. Ela nunca me rebaixava por eu ser um grosso. No escritório, ela tava sempre disposta a dar uma mão.

Foi aí que aconteceu um lance furadíssimo prá cima de mim. O que me dá raiva é que eu já não era tão grosso, já sabia ir em banco, depositar dinheiro na caderneta de poupança e ir na Prefeitura. Foi lá no Banco do Brasil. Eu tinha pago um monte de carnês e tava indo embora com o troco na mão. Aí apareceu um cara, bem vestido, de gravata, e disse que o caixa tinha se enganado, que o troco era pouco, que tava faltando grana. O cara pegou o dinheiro da minha mão e disse que ia contar de novo e botar junto o que tava faltando. E saiu em direção ao outro canto do banco. Eu me encostei no balcão e fiquei esperando, tranquilo. Esperei, esperei, e necas do cara aparecer. Quando eu me dei conta que o cara tinha sumido, quase tive um filho. Não que fosse muito di-

nhairo. E que eu não podia dar outro tiro. Eu tava certo que ia prá rua. E depois, como pegar outra boca. Aliás, tu já tem alguma coisa engatilhada? Não? Mas não te preocupa, que eu arranjo.

Mas a transa é que eu tava desesperado com o malho. Voltei pro escritório quase chorando. Quando chegou na hora de entrar, não tive coragem. Já ia saindo de novo, quando a Biroca chegou. Ela olhou prá minha cara e foi logo perguntando o que que tinha acontecido. Aí eu não agüentei mais e comecei a fungar. Ela me arrastou prum canto e me fez contar direitinho o que tinha acontecido. Quando eu terminei de contar, ela sorriu e passou a mão nos meus olhos, prá enxugar umas lágrimas bestas que eu não tinha conseguido segurar. Ela me perguntou quanto que era a grana que tinha sumido. Era uns dois mil cruzeiros. Aí ela disse que era prá mim esperar até as seis horas, que ela ia tentar conseguir a grana prá me emprestar. E as seis horas ela me deu os dois mil. Eu disse pro seu Jorge que tinha me atrasado porque a fila na prefeitura tava enorme e devolvi o troco direitinho prá ele.

Tu vê que baita sorte eu tive. Pode imaginar, se antes eu já gostava da Biroca, depois disso, eu fiquei louco. Eu vi que ela não dava a mínima bola pros outros caras do escritório, apesar de eles serem muito mais presença que eu. Naquele tempo, eu ainda não tinha umas becas legais, tava numa de camiseta e calça Lee. Com o passar do tempo, eu descobri que era fácil ficar parecido com aqueles caras. Depois, eu nem tinha diferença prá eles. Mas eu não tinha coragem de dizer nada prá Biroca. Ela falava comigo, contava os galhos dela, eu contava os meus, às vezes a gente saía juntos do escritório. E mais nada.

O brabo é que eu tinha uma vontade louca de apertar aquela orelhinha dela, de segurar aquela mãozinha que corria feito um passarinho por cima da máquina de escrever. Todo mundo dava em cima dela, e ela vinha sempre se queixar prá mim, dizendo que eram uns tarados, uns grossos. Que ela não gostava de ninguém no escritório. Que só tinha coragem de contar essas coisas prá mim. Eu ficava com uma tesão violenta, e depois batia uma bronha, aqui no quarto, pensando naquela orelhinha dela. Mas a punheta não me chegava. Eu tinha que tocar naquela mãozinha.

Foi aí que, um dia, o seu Jorge disse que o expediente ia terminar às três e meia, por causa de umas faxineiras que iam dar uma geral no escritório. E eu e a Biroca saímos juntos, rumo à parada dos ônibus. E nós passamos na frente do Imperial e fomos olhar os cartazes. Tava passando "Carrie, a estranha" ( já visse?, não? ). E ela olhou prá mim e perguntou se eu tinha vergonha de ir ao cinema de tarde, num di-

a de semana. Eu quase caí de quatro, tava a horas pensando em convidar ela prá ir ao cinema. E nós entramos e sentamos, bem pertinhos um do outro. E o filme começou. É um filme de terror, sabe? A Biroca, no começo, tava calma. Eu simplesmente não olhava prá tela. Como a Biroca olhava pro filme, eu podia olhar prá ela, bem de perto, sem perigo. Foi aí que começou a me dar uma vontade de pegar aquela mãozinha dela. A mãozinha tava ali, bem do lado da minha. Era só levantar um pouco a minha e chegar bem devagarinho. Ou então dar uma beliscadinha naquela orelhinha dela. A Biroca começou a ficar assustada com o filme. Ela ficou nervosa, de vez em quando até tremia. E eu com vontade de pegar aquela mãozinha. E ela com uma cara de assustada, com uma cara de quem precisa que alguém pegue na mãozinha e diga, ao pé do ouvidinho: "É só um filme". Mas o trouxa aqui não tinha coragem. E eu fiquei o filme inteiro levantando a minha mão alguns centímetros e baixando de novo. Mas eu queria que o filme não acabasse nunca. Eu achava que, cedo ou tarde, eu ia pegar aquela mãozinha. E ela, no fim do filme, tava mesmo apavorada. E eu, nem bola, não tava vendo o filme. E aí a sangreira parou, os caras pararam de berrear na tela. E eu olhei prá tela e tinha uma guria na cama. Pensei que o filme tava acabando, e tava mesmo. Eu olhei pra Biroca e ela tava aliviada, tava quase sorrindo. E eu pensei puta-que-pariu, a bosta terminou e eu não peguei aquela mãozinha. E eu ouvi o barulho das cortinas abrindo lá atrás do cinema. E os caras começaram a levantar. Eu tava puto da cara. A Biroca já tava pensando em levantar, mas ainda olhava prá tela. Eu resolvi dar uma olhada também. E apareceu uma cena típica de final de filme. Sabe como é que é? A gente fica esperando que subam os letreiros. A cena era num cemitério, mas não tinha nada de assustador. Era até bem bonita. A guria ia botar umas flores numa sepultura. Eu olhei prá Biroca. Ela tava olhando, tranquila. E eu olhei prá tela outra vez. E a guria tava botando as flores no chão. E eu pensei outra vez que bosta que o filme tava acabando. E aí, tchê, aí saiu uma mão ensangüentada de dentro da sepultura e segurou a guria. Eu levei um susto tão grande que dei uma porrada com as costas na cadeira. E a Biroca deu um salto pro meu lado e se atirou prá cima de mim. E botou os dois braços em volta de mim. E a orelhinha dela roçou a minha boca. E ela tava tremendo. E eu peguei aquela mãozinha dela e disse, bem baixinho "É só um filme". Mal eu tinha falado, ela levantou, rindo. E nós saímos. E, na Rua da Praia, ela me disse como era boba, que se assustava à toa. E nós rimos juntos.

Naquela noite, eu quase não consegui dormir. Tava pensando em beijar aquela boquinha. Não era uma questão de sexo. Eu já ga-

nhava o suficiente pra arrastar umas chinas de vez em quando. Era um troço diferente. Eu tinha quase uma adoração pela Biroca. Ela era ao mesmo tempo inacessível e companheira de matinê no Imperial. Eu não sei se tu tá entendendo. Tá ?

Depois daquela noite, cheguei à conclusão que eu tinha mais é que tentar alguma coisa mais concreta. Pensei em convidar a Biroca pra tomar alguma coisa num barzinho. Não era um troço muito original pra se fazer, mas ela sempre dizia que o que mais gostava em mim é a minha simplicidade. Pois naquele mesmo dia, no fim do expediente, eu fui chegando, muito devagarito, e perguntei pra ela se tava tudo legal. Ela riu e disse que sim, mas que nunca mais ia ver filme de terror.

E nós dois saímos do escritório juntos, caminhando pela Rua da Praia. E aquela mãozinha dela balançava junto com a minha, e eu tinha uma vontade louca de caminhar de mãos dadas. Tá achando que é bobagem? Eu mesmo não sei se é. Mas aquela mãozinha tava pedindo uma mão maior, que protegesse, que mostrasse o caminho. Então a gente chegou ali na esquina da Dr. Flôres. Ela parou e olhou no relógio. Eu perguntei se ela não ia pegar o Auxiliadora. Ela disse que não, que tava esperando um amigo. E eu perguntei se eu podia ficar ali mais um pouquinho. Ela riu e disse, claro. Nós ficamos uns dois ou três minutos falando bobagem quando o Passat apareceu. Ela riu, olhou pra mim e disse: "Tá vendo o Beto ? Foi ele que me emprestou aquelas duas milhas aquele dia". E a Biroca correu até o Passat e entrou. E o cara deu uma mordidinha na orelhinha dela. E pegou naquela mãozinha. Os outros carros começaram a buzinar. E o cara arrancou. E o Passat tinha rodas de titânio. E direção esporte. E um toca-fitas que tocava uma música dos Beatles.

.....

Eu tava com mais de quinhentos pilas no bolso. Pra gastar num bar, com a Biroca. Eu subi o finzinho da Rua da Praia e peguei a Independência. Fui a pé mesmo, não tava a fim de pegar o ônibus, como se não tivesse acontecido nada. E caminhei até a Ramiro. O sol tava se pondo. Desci a Ramiro. Quando cheguei na Oswaldo, já tava escuro. Fiquei com vontade de dar uma pernada pela Redenção. Acho que fiquei umas duas horas dando voltas. Comprei umas pipocas e atirei pros peixes no laguinho. Me lembrei da grana. Fiquei com vontade de tomar uma cerveja. Atravessei a Oswaldo e entrei no primeiro boteco que apareceu.

Eu tava com vontade de arranjar uma bomba de dois metros de comprimento e puxar até acabar com a cabeça. Mas eu só entrei no boteco e pedi uma cerveja. Sentei numa mesinha suja e fui tomando. Acho que foram umas cinco. Aí entrou um outro sujeito no boteco e se sentou numa outra mesa, na frente da minha. Mal ele tinha sentado eu pensei, "esse cara é bichona". E era mesmo. E o cara começou a olhar prá mim. E eu fiquei com vontade de levantar e ir embora. Eu nem sabia se ia poder andar, tava tudo meio confuso. E aí a bichona levantou e veio sentar na minha mesa. E segurou a minha mão. E perguntou, bem baixinho, "tá tristinho, tá?". E eu senti nojo. Pensei que eu tava num bar da Oswaldo Aranha com uma bicha quase no meu colo e que eu não conseguia fazer coisa nenhuma. E a bichona perguntou se eu não queria dar um pulinho ali na Felipe Camarão, que ele tinha um cantinho que era divino. Que eu ia achar maravilhoso.

Será que tu é capaz de entender o que que tava acontecendo? Eu te conto essas transas porque eu sei que tu vai ao menos tentar compreender. E lá fui eu pela Oswaldo Aranha, com a bichona quase me arrastando. E eu conheci o apartamento da Felipe Camarão. O nome do cara é Gilberto. Ele é inteligente, bom-papo, conhece todas as bocas aqui dessa merda. E é bicha. Mas tu deve tá pensando, porra, que esse cara tá me contando? Que teve uma grande desilusão e que acabou transando com uma bicha? Que descobriu que é putó e que tá tentando explicar? Eu nunca tinha falado esses troços prá ninguém. Apesar de tudo, ainda me sinto um pouco apartado de todo mundo por aqui. Transar com as bichas foi um troço muito gozado. O Gilberto me apresentou prum monte de outros caras, bichas ou não, e eu aprendi um monte de coisas novas. Não virei bicha. Não precisa me olhar com essa cara. Simplesmente descobri que os caras eram tão sozinhos quanto eu. E que eu podia levantar um picho sempre que quisesse. Mas eu acabei enchendo o saco. Quando eu comecei a esquecer a Biroca, comecei também a sentir mais nojo das bichonas. E fui deixando de ver o Gilberto. E acabei esquecendo também as outras bichonas. Não transo com homem já faz um ano.

Pelo amor de Deus, não faz essa cara de espanto. Já esquecesse a Malhada? O coice que tu levasse aquela noite? Não é a mesma coisa, mas é muito parecido. Quando acaba, é a mesma sensação de "tá faltando alguma coisa". Mas esse é um papo que já tá morto, enterrado.

Nessa época, eu ia almoçar todos os domingos no apartamento do padrinho. De vez em quando, o Cláudio, depois do almoço, sa-

ía prá dar uma banda de carro e eu ia junto. Eu já tava bem mais civilizado que no começo, podia conversar com ele numa boa. Comecei a conhecer os amigos do Cláudio, as amigas, os lugares onde as gatinhas se reúnem. Eu sei exatamente como a gente deve fazer as coisas, o que dizer prá uma guria, o que trovar prum outro cara. Não é difícil. Tu vai aprender em dois toques.

Acho que já posso considerar o Cláudio um amigo, e não simplesmente "o filho do padrinho". Foi ele que me ensinou a fazer de conta que nada vale a pena. Não é difícil, basta ter um pouco de dinheiro. Eu continuo no mesmo emprego, mas agora já não saio do escritório. A Biroca ainda tá lá. Ela é minha amiga, mas nunca transei com ela. Minha vida tá assim, mansa. Ganhei um aumento, outro dia, e agora tô economizando prá comprar uma prancha de surf.

Meus amigos, eu sei, de vez em quando me olham meio atravessado, principalmente quando descobrem que eu não estudo, que eu trabalho num escritório. Mas não tem importância, eu ainda vou ser tão bom como eles. Vou estudar, me formar, casar e ganhar um monte de dinheiro. É isso aí, primo, a gente tem que se virar. Prá ti, vai ser tudo mais fácil, eu vou te dizer tudo que tu tens que fazer.

Amanhã a gente já sai e compra uns panos. Depois, a gente pode ir até o apartamento do Cláudio. Aliás, eu tive lá hoje de manhã. O Cláudio tinha me avisado que tinha chegado uma encomenda prá mim. A mãe ainda manda as coisas prá lá, diz que é mais seguro. Ainda nem tive tempo de abrir o pacote. Posso abrir ?

Putisgrila, dá só uma olhada. Só a velha mesmo prá mandar esse monte de bagulhos. Era só o que faltava. Fotos da porcaria da estância, a camisa amarela do Antenor ( deve ter ficado pequena prá ele ) e um saco de erva-mate. Vai tudo pro lixo.

O negócio é o seguinte, eu já tô com sono . Amanhã a gente fala melhor. Se tu conseguir uma beca legal a gente pode ir junto no aniversário da Carla Disco Dance ( que barato esse apelido, né ? ). Será que tu podes apagar a luz ? Obrigado. E não esquece de jogar fora esse sapato horroso. Boa noite. Aqui tem um pouco de barulho, mas dá prá dormir numa boa. Podes crer.

